

LINDA QUILT

Histórias arrepiantes de **CRIANÇAS-PRODÍGIO**

Tradução:
LUCIANO VIEIRA MACHADO



Copyright © 2006 by Carl Hanser Verlag München Wien

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Unlikely progeny

Ilustração de capa
Catarina Bessell

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Arlete Zebber
Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Quilt, Linda

Histórias arrepiantes de crianças-prodígio / Linda Quilt ; tradução Luciano Vieira Machado. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Unlikely progeny.
ISBN 978-85-359-1954-7

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

11-09471

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Da boca das crianças, 7

Memorando, 22

Fora da norma, 36

Criança astuciosa, 50

Sumir no ar, 74

Ama gentil da natureza, 90

Leveza fantástica, 103

DA BOCA DAS CRIANÇAS

Melinda Milford era uma criança bonita e encantadora. Sua mãe, Melanie, uma jovem viúva abastada, tinha todos os motivos para se orgulhar da filha. Infelizmente havia um senão nas maneiras impecáveis de Melinda: a menina tinha o hábito de fazer caretas horríveis. Quando a mãe entrava no quarto da filha, forrado de papel de parede cor-de-rosa, deparava com uma criatura que ela não reconhecia como carne de sua carne e sangue de seu sangue. Tal era o virtuosismo da menina, que a expressão dela fazia Melanie Milford lembrar-se dos aliens que vira em seus filmes de ficção científica favoritos. Finalmente ela decidiu consultar a tia Mildred, que morava num chalé em algum lugar perdido de Cotswold e era conhecida pela sabedoria de seus conselhos.

“Você deve pregar um grande susto nela”, disse Mildred. “Diga-lhe que, se o relógio bater as horas quando ela estiver fazendo caretas, seu rosto vai ficar deformado pelo resto da vida. Isso fará com que a pirralha pense duas vezes antes de fazer caretas de novo!”

O conselho da velha solteirona foi prontamente seguido, e a advertência da mãe fez Melinda parar com as caretas. Por um bom tempo ela evitou aperfeiçoar seus malabaris-

mos faciais, mas, como não era boba, começou a desconfiar que a mãe jogara areia em seus olhos inocentes.

“Uma história absurda”, disse com raiva, “uma rede de mentiras que vou fazer em pedaços!”

Quando faltavam dois minutos para as doze horas, Melinda tomou posição diante do grande espelho da sala de jantar e, quando o relógio começou a bater as horas, ela fez a careta mais horrenda de seu repertório. Ao ver que, com grande facilidade, voltou ao seu semblante normal, ouviu-se um “viva!” triunfante em toda a casa.

“Eu sabia!”, ela exclamou. “Maldita seja a tia Mildred com suas mentiras!”

Não obstante, quando a velha senhora, como se esperava que fizesse, veio de sua residência distante para o Natal, a pequena Melinda, inocente demais para guardar rancor contra a tia, fez de tudo para tratá-la bem. Toda vez que a solteirona pedia seu tricô, seus chinelos, sua corneta acústica, Melinda procurava em toda a casa e resgatava esses objetos indispensáveis de lugares improváveis, como o jardim de inverno, a privada ou a sala da caldeira. Além disso, ouvia com paciência de anjo o histórico das doenças da tia Mildred, aprendendo um bocado sobre gastrite erosiva, poliposa e flegmonosa, bem como sobre a doença de Crohn e a de Whipple.

A ceia de Natal transcorreu na mais santa paz e harmonia, mas, quando Melinda viu a tia abocanhando porções de pudim em rápida sucessão, ela achou conveniente comentar:

“Querida tia Mildred, você não devia ir mais devagar com seu estômago? Engolir doces a essa velocidade pode acabar com os seus intestinos!”

“Como você se atreve?”, disse a velha com um sonoro arroto, “eu ainda nem toquei na minha sobremesa!”

“Ah, sim, tocou, sim”, respondeu a sobrinha. “Eu vi você devorando a melhor parte do que estava na tigela.”

“Isso é uma mentira caluniosa”, trovejou Mildred. “Você se esqueceu do Nono Mandamento? Não levantarás falso testemunho contra teu próximo! E guarde bem o que vou lhe dizer: de agora em diante, toda vez que você contar uma de suas mentiras sujas, um sapinho nojento sairá de seus lábios!”

A pequena Melinda ficou muda de indignação. O descaramento da velha megera! Primeiro mente em sua cara, depois se mete a pregar o amor à verdade! E ainda por cima vem com aquelas ameaças ridículas que talvez intimidem bebês, mas não uma esperta menina de dez anos! Na ocasião, ela engoliu a afronta com admirável sangue-frio, mas decidiu se vingar da velha jararaca e lhe dar uma lição o mais breve possível.

No dia seguinte, ao encontrar a tia Mildred fazendo tricô na sala de visitas, Melinda ainda se sentia um pouco apreensiva, mas, reunindo toda a sua coragem, deu-lhe bom-dia com sua voz mais suave e perguntou:

“Por que é que você sempre cospe no copo que mamãe usa quando escova os dentes?”

Mal terminou de dizer a frase, ela sentiu uma coisa se arrastando em sua língua, e — pasmem! — um sapinho saiu de seus lábios cor de carmim.

“Está vendo?!”, gritou Mildred, contendo o riso à visão da criatura marrom pegajosa que saltava no chão. “Bem que eu avisei!”

Por um instante, Melinda ficou estupefata, e, quando se recompôs, disparou escada acima sem dizer uma palavra, indo esconder seu belo rosto nos travesseiros.

Até a partida da tia Mildred, ela permaneceu recolhida

no seu quarto. Percebeu que, caso o feitiço que a velha cadela lhe lançara perdurasse, iria complicar bastante a sua vida no futuro próximo. Será que o efeito dependia da presença nefasta da tia, ou continuaria depois que ela fosse embora? Diante do espelho, Melinda declarou:

“Eu morri”, e imediatamente surgiu outro sapo em sua boca. “Por que eu?”, ela se lamentou. “Todas as outras pessoas, inclusive a tia Mildred, podem falar o que lhes der na telha, verdade ou mentira, sem correr o risco de ter os lábios abarrotados de animais. Por que eu é que tenho de pagar o pato? Isso não é justo!”

Ela pegou aquela coisinha pegajosa e a atirou pela janela.

É nos momentos críticos que a verdadeira natureza de uma pessoa se revela. Apesar da aflição de Melinda, a vocação filosófica de sua mente prevaleceu. Distinguir o verdadeiro do falso, ela refletiu, não é tão fácil quanto os tolos imaginam. Quem quer que se veja obrigado a dizer a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade, logo vai se encontrar num dilema. Para começar, é bem evidente que ninguém sabe toda a verdade. Depois, não se podem pôr todas as inverdades num mesmo saco. Do ponto de vista moral, há uma diferença entre uma inverdade dita por ignorância, engano, esquecimento, distração ou simples idiotice e uma mentira dita com a intenção de enganar. E mesmo nesse caso é necessário destringir um nunca-acabar de possibilidades. Não era a mesma coisa mentir descaradamente, mentir de forma deslavada, entregar-se a invenções, ou mesmo mentir como se fosse verdade, expressão que ela achava muito perturbadora. Por falar nisso, que dizer da algaravia e da ambiguidade? Não eram elas o pão de cada dia da conversação humana? Ela tampouco sabia

distinguir uma mentira grave de uma mentirinha sem importância. Consultando seu dicionário de citações, Melinda aprendeu que uma mentirinha “não visa prejudicar ninguém em sua fortuna, em seus interesses ou reputação, mas apenas satisfazer uma disposição gárrula e o anelo de divertir as pessoas contando-lhes histórias fenomenais”. Outra autoridade a definia como “uma inverdade desculpável ou louvável, em vista de sua motivação”. Louvável! Aí está o problema, ela pensou, conjecturando se anfíbios estavam familiarizados com belas distinções do tipo apreciado por filósofos de todos os matizes.

Confrontada com um labirinto conceitual de dimensões assustadoras, Melinda concluiu que teria de realizar experimentos. O cientista que havia nela, descrente do terreno fantasioso da teoria pura, estava alerta para a obtenção de provas empíricas. Não obstante, os experimentos necessários implicavam uma série de dificuldades. Supondo que ela mentisse para a mãe ou para os amigos, não correria o risco de infestar a casa com uma população numerosa de pequenos bichos de sangue frio? Tampouco desejava ser vista cuspiendo sapos na presença dos parentes mais próximos. Melinda bolou uma solução engenhosa para o seu dilema. Ela foi à cabine telefônica mais próxima e discou um número ao acaso.

“Whittler & Filho, máquinas para construção”, atendeu uma voz animada.

“Aqui é da Mountefort Associados, departamento de projetos”, anunciou Melinda. “Estamos considerando a possibilidade de adquirir três dragas de rosário com capacidade de cerca de quatro toneladas métricas cada uma.”

Antes que pudesse continuar, ela sentiu um sapo gigante forçando a passagem em sua garganta, o que pôs um ponto final em sua mentira abominável. Não se deixando abater pela criatura coaxante, Melinda continuou seus ex-

perimentos. A segunda pessoa a atender ao telefone foi o reverendo Thomas Whetstone, cônego honorário da abadia de Cloudbury, Shropshire.

“Sinto muitíssimo incomodá-lo, reverendo”, disse Melinda com voz entrecortada, “mas estou com um problema muito sério.”

“Por favor, fique à vontade para me dizer tudo, minha criança”, respondeu o cônego.

“O problema”, ela continuou, “é que eu detesto algumas das criaturas de Deus, sobretudo as que são pegajosas.”

“Bem, bem”, disse o reverendo, “por certo essa sua atitude não é nada boa. Mas é só isso que você tem a confessar?”

“É quase tudo”, afirmou Melinda, e nesse momento um girino minúsculo pulou de seus lábios. Ela desligou, satisfeita com a experiência. Porque agora estava claro que meia verdade tinha consequências menos graves, comparadas às de uma mentira realmente grande. Obviamente, o tamanho do sapo dependia do calibre de suas mentiras. Sem dúvida, os resultados de suas pesquisas teriam de ser refinados no devido tempo, mas por enquanto ela ficou feliz em deixar as coisas no pé em que estavam.

Melinda se deu conta de que dali em diante era necessário dizer sempre a verdade, e, para se sentir segura, teria de medir cada uma de suas palavras. Isso, claro, era mais fácil dizer do que fazer. Manter-se totalmente calada era impraticável, mas “quanto menos se fala menos se erra” parecia ser a mais promissora regra de conduta. Embora Melinda fizesse tudo o que estava ao seu alcance para poupar a mãe da dolorosa verdade, a sra. Milford não podia deixar de notar certo mau humor na filha. Em vez de conversar amavelmente com amigos e com as pessoas que visitavam a casa, como sempre fizera, Melinda ficava calada.

Por outro lado, quando questionada diretamente, sempre respondia com uma franqueza que chegava à incivilidade.

“Nem morta”, ela respondeu quando o sr. Murdoch, um amigo íntimo de sua mãe, perguntou-lhe se não queria passar a tarde no cinema enquanto ele ficava aos beijos com sua mãe.

Também na escola as coisas pioraram. Logo Melinda ganhou fama de grosseira. Ninguém entendeu por que ela, sem mais nem menos, atirou um prato na cara da cozinheira quando na cantina da escola serviram macarrão com linguiça e alguém comentou que o nome daquele prato era sapo-na-toca. Quase sempre ela dava respostas chocantes para perguntas inócuas. Mesmo o sr. Muller, o mais bem-intencionado de seus professores, não pôde evitar de expressar uma branda reprovação.

“Sinceramente”, ele disse, “a franqueza é uma qualidade admirável, mas mesmo uma coisa boa pode ser levada longe demais!”

As reações de seus colegas de escola eram mais violentas. Bastam alguns exemplos para ilustrar a difícil situação de Melinda. Quando Molly McGiffert perguntou a ela o que achava de seu novo penteado, ouviu, como resposta, que ele mais parecia um ninho de rato; Minnie Mullock não teve melhor sorte quando perguntou por que Melinda não compareceu à sua festa de aniversário. “Porque você é uma chata de galocha, Minnie”, foi a resposta. Não que Melinda quisesse ofender alguém; ela apenas temia sofrer a punição de um novo girino caso se arriscasse a dizer uma mentirinha sem maior importância. Por fim ela aprendeu a tapar a boca com a mão, se ocorresse de cometer um deslize, afastando-se, ainda que ligeiramente, da verdade. Sem dúvida, não era fácil manter um pequeno ser inquieto na língua até

estar sozinha e poder cuspi-lo, mas ela preferia se submeter a essa prova a suportar os comentários constrangedores de seus colegas.

Apesar dos problemas, Melinda terminou por se tornar, no devido tempo, uma mulher adulta, e sua bela aparência não podia deixar de chamar a atenção dos rapazes. Maurice Mews era o mais assíduo de seus pretendentes, por isso supunha que ela iria gostar dele. Num de seus passeios no parque, ele parou de repente, declarou-se a ela e tentou uma súbita investida. Depois de um primeiro beijo desajeitado, ela não conseguiu se manter calada quando ele quis saber se Melinda também o amava.

“Não é que eu não goste de você”, foi sua resposta franca. “Só que eu não consigo suportar essa sua voz chorosa, os pelos que apontam de suas orelhas e seu mau hálito.”

Logo não sobrou nenhum rapaz das redondezas que ousasse cortejar Melinda. Nem mesmo o amor juvenil tinha alguma chance contra a maldição que sua tia lhe lançara quando ela era criança.

Não obstante todas essas adversidades, pouco a pouco ela foi desenvolvendo um interesse pelas espécies que, por força de seu destino, passara a conhecer tão bem. Seu domínio dos anfíbios, que até então se devia mais às vicissitudes de sua vida do que a um aprendizado sólido, necessitava de uma abordagem mais sistemática. Para alegria de seu professor de ciências, ela fez grandes progressos em biologia, e não foi nenhuma surpresa para sua mãe o fato de escolher zoologia como principal objeto de estudo quando chegou a época de ir para Cambridge.

O professor Mortimer Mifflin, chefe do departamento, era um cientista de primeira linha. Raras vezes ele vira um aluno tão apaixonadamente interessado por sua especiali-

dade, fisiologia e classificação dos anfíbios. Não é de espantar, pois, que ele se interessasse por Melinda e logo a convidasse para trabalhar em seu instituto. Uma das primeiras coisas que ela aprendeu foi que existe uma grande diversidade dessa classe de animais. Só as rãs e os sapos contavam nada menos que 2632 ou 3895 espécies, dependendo da escola de pensamento em que se preferisse acreditar. Outro fato que surpreendeu Melinda foi que a distinção entre *Bufo* e *Rana*, sapos e rãs, era no mínimo tênue, baseada mais na aparência externa que numa análise rigorosa. Uma boa quantidade de trabalho novo e fascinante a esperava no laboratório, porque o professor Mifflin tinha relações estreitas com a indústria farmacêutica, e ele lhe explicou que sapos e rãs eram especialmente adequados para seu trabalho experimental, que consistia em cortá-los para ver o que havia dentro. Infelizmente, algumas das espécies mais interessantes escasseavam, e criá-las era um processo lento e trabalhoso.

Nessa questão, Melinda sentia que podia ajudar. Muitas vezes ela ficava no laboratório até depois do expediente e fazia o possível para compensar aquela deficiência. Ajustando cuidadosamente suas mentiras desde um nível moderado até o insultuoso, conseguia produzir sapos e, se necessário, rãs de diferentes tipos e tamanhos. Ela sabia que a prática leva à perfeição e, sem se deixar abater, terminou por produzir não apenas o raro sapo-corredor, mas também variedades não nativas das Ilhas Britânicas, como o sapo-de-barriga-de-fogo, de cores muito vivas, e no continente a deliciosa rã comestível, da França, e o notável sapo-parteiro, que durante a época de acasalamento se faz ouvir por meio de um claro assobio. Não obstante, havia um limite para o que ela se sentia capaz de fazer. Melinda desistiu de produzir a famosa rã-golias, de Camarões, por dois motivos: primeiro, porque não conseguiu imaginar uma mentira grande

o bastante para garantir seu surgimento; segundo, porque o tamanho dessa rã, mais de trinta centímetros, e o peso, cerca de três quilos, forçariam demais sua garganta.

O professor Mifflin ficou muito satisfeito com esse inesperado suprimento de animais interessantes para as experiências dele, embora preferisse ignorar sua procedência. Os colegas de Melinda se deleitavam com os sons alegres que ouviam no laboratório; isso porque, devido à recém-adquirida diversidade de animais que ali rastejavam, vagavam e saltavam, sobretudo à noite, havia uma bagunça a ser desfrutada, feita por sapos e rãs que não apenas coaxavam, mas grunhiam, guinchavam, troavam, gorgolejavam, baliavam, ladravam e até trilavam, cada um de acordo com sua natureza. Melinda só lamentava não poder se juntar a seus colegas quando eles, inspirados pela visão dos sapos acasalando, começavam a contar histórias fantasiosas a respeito de suas conquistas amorosas.

Assim, ela parecia predestinada a uma brilhante carreira na área de herpetologia, que toda pessoa culta deve saber tratar-se da ciência que estuda répteis e anfíbios. A longo prazo, porém, talvez devido à longa convivência com sapos, girinos e assemelhados, seus sentimentos sofreram uma mudança. Ela passou a condenar o uso que se fazia dessas criaturas no instituto. Afinal, refletia, elas não têm culpa de serem pegajosas, cheias de verrugas e de expelirem secreções malcheirosas quando se sentem em perigo. Parecia-lhe que isso não era motivo suficiente para que as pessoas as eletrocutassem ou retalhassem a seu bel-prazer. O professor Mifflin não demorou muito a notar a falta de entusiasmo de Melinda, e, quando a questionou sobre isso, ela não podia, sem o risco de uma cena embaraçosa, negar seus escrúpulos.

“Estou decepcionado com você, Milford”, ele disse. “Eu não poderia imaginar que você, minha aluna mais promissora, me viesse com uma atitude tão anticientífica!”

E foi assim que Melinda perdeu o emprego. Na ocasião ela se sentiu como um sapo atormentado, mas logo sua determinação levou a melhor. Daqui pra frente, nada de trabalho de laboratório, disse consigo mesma; em vez de consultar a biblioteca do instituto, consultou a internet e descobriu um campo de pesquisas que era novo para ela. Ao que parecia, cidadãos preocupados descobriram que a população de anfíbios declinava em muitas partes do mundo, e algumas espécies estavam em perigo de extinção. Não foi apenas a Sociedade para a Prevenção da Crueldade contra Animais que soou o alarme. Instituições como o Conselho de Conservação da Natureza, a União de Conservação Mundial e sobretudo a Força-Tarefa contra o Declínio da População de Anfíbios, sediada em Milton Keynes, havia muito tinham se engajado na luta. Eles davam informações sobre os riscos que a poluição, os detritos industriais, os pesticidas e outros agentes oferecem à própria ordem de animais com os quais ela estava tão familiarizada.

Melinda tomou conhecimento de que na Alemanha houve uma grande onda de protestos contra a construção de uma nova autoestrada que ameaçava a sobrevivência do *Bombina bombina*, cujo alto grasnido animava as noites de verão de Westfália, especialmente depois de tempestades seguidas de chuvarada quente. Quanto mais Melinda aprendia sobre a crise, mais ela se imbuía de um espírito de missão. Ansiosa por fazer algum trabalho de campo, apresentava-se como voluntária para ajudar onde quer que fosse necessário. Seu talento foi posto à prova pela primeira vez na controversa construção de uma autoestrada na Alemanha. Na Força-Tarefa, houve certa estranheza quando ela afirmou só poder trabalhar no turno da noite e, o que era mais estranho, absolutamente sozinha; mas o líder do gru-

po resolveu lhe dar uma chance, e logo os resultados convenceram a todos de que a contribuição dela era não apenas essencial, mas indispensável. Em suas caminhadas solitárias, ajustando de forma precisa a dimensão de suas mentiras ao efeito desejado, ela conseguiu produzir espécimes do sapo-de-barriga-de-fogo em número suficiente para garantir a sobrevivência dele. A notícia desse sucesso espetacular se espalhou pela comunidade dos conservacionistas, e os serviços de Melinda foram requisitados, e obtidos, em muitas partes do mundo.

A longo prazo, porém, efeitos colaterais de seus esforços a aborreceram. Alguns de seus protegidos pareciam relutantes em respeitar o equilíbrio ecológico que ela lutava para recuperar. Reproduzindo-se a uma taxa alarmante, aqueles sapos, muitos deles estranhos ao seu novo habitat, invadiam campinas, parques e jardins. Houve reclamações de fazendeiros de que em suas terras pululavam visitantes barulhentos, e de pais que não gostavam da gosma tóxica que viam nas mãos de seus filhos, produzida por amiguinhos marrons que eles encontravam no quintal. Algumas pessoas chegaram a classificar de praga os recém-chegados e a exigir a suspensão das atividades de Melinda.

Tudo isso arrefeceu o entusiasmo de Melinda e lhe deu motivos para reflexão. Quem sabe ela não devesse abandonar sua missão solitária? Afinal, esta se devia mais à sua aflição que a uma saudável ambição de cientista. Além disso, ela se ressentia cada vez mais da pressão exercida contra sua garganta, seu palato e sua mandíbula, que agora apresentava certa rigidez, devida aos seus longos silêncios. E, o que era pior, o contínuo tráfego em sua língua danificou as membranas delicadas de sua cavidade oral. Já era tempo de procurar ajuda médica. Uma visita ao dr. Mayhem, um

grande especialista em otorrinolaringologia, pouco adiantou para tranquilizá-la.

“Por acaso você engoliu coisas impróprias para o consumo humano?”

“Não”, ela respondeu, fiel à verdade como de hábito, sem querer revelar, por motivos óbvios, a verdadeira causa de sua condição.

E então o dr. Mayhem, que nunca vira um caso como aquele, não conseguiu fazer um diagnóstico, muito menos sugerir um tratamento.

Pela primeira vez em vários anos, Melinda se deixou vencer pelo desânimo. Recuperar espécies em extinção era uma tarefa honrosa, mas agora não estava ela própria em perigo? Melinda concluiu que era hora de abandonar sua vocação. Ela precisava mesmo era de longas férias. Como mulher resoluta que era, tomou o primeiro trem e partiu para a casa de sua mãe. Naturalmente, a sra. Melanie Mommensen, nome que recebeu por ocasião do seu segundo casamento com um ilustre militar estrangeiro, ficou encantada com a chegada da filha única e felicíssima em apresentá-la.

Com a aproximação do Natal, era claro que a tia Mildred, que atingira a idade avançada de noventa e nove anos, chegaria a qualquer momento. Melinda estava muito relutante em encontrar-se com ela, o que era compreensível. Mas, quando a velha senhora, batendo imperiosamente a bengala no soalho, pediu para vê-la, não houve como recusar. Para surpresa de Melinda, ela estava na melhor das disposições. Sua figura enrugada não parecia representar nenhuma ameaça; ao contrário, recebeu a sobrinha com um sorriso benigno, perguntou-lhe como estava e quis saber de sua saúde. Melinda, porém, não se sentiu tranquilizada com a amabilidade de que foi alvo; na verdade, estava à beira do pânico, e depois de um silêncio opressivo irrompeu em lágrimas.

“Que está havendo, minha filha?”, perguntou Mildred.
“Conte-me o que a aflige!”

Seria aquilo rancor, vergonha ou apenas um lapso de memória? De todo modo, Melinda declarou estar perfeitamente bem — uma mentira bastante inócua, comum, mas suficiente para que um pequeno girino marrom pulasse de seus lábios. À beira de um ataque de nervos, Melinda gritou: “Dane-se, tia Mildred! É tudo por culpa sua”.

“Coitadinha! Vejo que você tomou minha brincadeira muito ao pé da letra”, disse a velha senhora, dando-lhe um leve tapinha na cabeça. “Imagino que a esta altura está cheia disso.”

Aos soluços, Melinda assentiu com um gesto e baixou a cabeça.

“Mas por que cargas-d’água você não me procurou?”, continuou a tia num tom de leve censura. “Por que nunca me pediu orientação? Nada podia ser mais simples que se livrar desse incômodo. Você só tem de...”

Nesse momento, Melinda levantou a cabeça quase sem respirar, de tão ansiosa que estava.

“Sim?”, arquejou ela.

“Você só tem de comer um sapo, e então tudo está acabado.”

Melinda não conseguia acreditar no que ouvia.

“Quê?”, sussurrou ela. “Você quer que eu coma um girino? Que nojo!”

“Ah”, disse a tia, “você não tem de mastigá-lo, sabe? É só apertar um pouquinho e engolir. Isso resolve o problema. A menos, naturalmente, que você não tenha estômago para isso; aí a coisa vai continuar para sempre. Vamos, não vá desanimar agora, querida!”

Melinda, a quem a esta altura já admiramos pela extraordinária coragem, fez como recomendado; ela pegou o

girino do chão e num piscar de olhos, sem ao menos ofegar, a criaturinha tinha desaparecido.

“Bravo”, exclamou a tia. “Boa menina! Viu como foi fácil se livrar desse probleminha? Bem, nunca é tarde para consertar as coisas! Mas agora, minha criança, se não se importar, gostaria que você se fosse. Estou um pouco cansada.”

Para desfazer uma última dúvida, Melinda, conhecedora do método científico, procedeu à verificação das afirmativas de sua tia.

“Você não tem ideia”, ela disse à mãe, “de como gosto do meu novo padrasto, o sr. Mommsen!”

Nem o menor sinal de vida animal se fez sentir em sua língua, prova suficiente de que a maldição da tia Mildred tinha sido neutralizada. O alívio que Melinda sentiu foi indescritível. Até sua mãe notou aquela mudança; ela se tornou muito falante, e às vezes não resistia à tentação de divertir as pessoas inventando histórias fantásticas.

Em questão de semanas, sua garganta melhorou muitíssimo, e logo ela recuperou toda a antiga energia. Melinda voltou para Cambridge, fez uma brilhante carreira na área de taxonomia, casou-se com um catedrático e terminou como professora do St. Catherine’s College. E, fosse à mesa de jantar com seus pares ou na intimidade da família, seu traquejo social a todos conquistava, porque ela era capaz de contar mentiras, grandes ou sem importância, tão bem ou até melhor que o resto de nós.